

A inserção sociocultural de migrantes bolivianos em São Paulo. Uma leitura a partir da relação entre projetos migratórios, determinantes estruturais e os espaços da cidade

Iara Rolnik Xavier

O espaço da cidade não pode ser visto como um mero cenário onde transcorrem os acontecimentos sociais, mas diferentemente disso, constitui um recurso que pode ser mobilizado de diferentes formas pelos sujeitos.

Há duas especificidades essenciais a cerca deste estudo:

A primeira, relacionada ao campo migratório, diz respeito ao fato que os bolivianos são talvez os principais, representantes de um novo tipo de migração que o Brasil e São Paulo não recebiam há algumas décadas e indicam uma mudança histórica importante, rompendo com o ciclo de migrações de povoamento que marcaram o perfil migratório do país.

A segunda está relacionada à forma como os bolivianos se localizam e se relacionam com a cidade. Relativa ao âmbito dos estudos humanos.

A maioria dos estudos sempre relacionou os bolivianos aos bairros centrais da cidade de São Paulo, principalmente o Bom Retiro, Brás e Pari. De fato existem muitos bolivianos morando nesta área e alguns dos principais pontos de agregação comunitários estão também localizados nestes bairros.

“Caminhando no sentido contrário desta prerrogativa, a pesquisa realizada mostrou que, de acordo com o Censo de 2000 (IBGE: 2002), os bolivianos residem tanto nos bairros centrais do município de São Paulo (onde estão 27,2% deles) como em bairros bastantes afastados deste centro -periféricos neste sentido, portanto-, tanto em direção aos distritos da zona norte (26,4% dos mesmos), quanto à zona leste (19,6%) (...) Os dados também mostram que os bolivianos estão presentes em 82 dos 96 distritos da cidade de São Paulo e 23 municípios dos 39 que compõe a RMSP.” (p. 125).

“Essas observações nos levam a questionar a ideia de que o centro seria o principal lugar de chegada dos migrantes – já que os bolivianos também chegam

diretamente nas outras zonas citadas, conforme vemos entre os migrantes mais recentes; e também a associação da mobilidade residencial na cidade com a mobilidade dos grupos sociais, em concordância com a lógica de que, quanto maior o tempo de residência, mais “bem sucedida” seria a localização urbana. Se isso vale para os bolivianos que residiam em 2000 nas zonas Oeste e Sul (zonas mais ricas dos município), que, de fato, estão há mais tempo na cidade, a mesma lógica que não opera no caso daqueles que residem também há mais tempo e se encontram hoje em zonas consideradas periféricas.” (p. 127).

Sobre o trabalho dos migrantes bolivianos em São Paulo: é importante lembrar que não é deles a principal mão de obra da indústria de confecção de São Paulo. Embora haja uma participação crescente de migrantes internacionais nessa produção, como coreanos, a maior parte da força trabalhadora neste ramo é feminina e composta por migrantes internos, sendo que grande parte das mulheres costureiras são ex-trabalhadoras das antigas fábricas do Brás e Bom Retiro, ou seja, profissionais com experiência acumulada no ramo.

É muito comum entre os bolivianos trabalhar e morar no mesmo local: para os que acabaram de chegar, é uma maneira muito simples de solucionar a questão da moradia, também se torna rentável aos empregadores manter sua força e trabalho por perto do trabalho. Com isso, não é necessário pagamento de transporte e gastos com alimentação, que fazem parte dos pequenos salários dos costureiros, são diminuídos com a comida feita em casa e dividida entre todos. Nesses casos, operam ainda lógicas em torno da relação de parentesco, que estruturam em muitos casos tanto os processos de acolhida na cidade como a organização produtiva das confecções de costura que implicam pensar a migração também como projeto coletivo. As relações de trabalho, da maneira como estão organizadas entre os bolivianos, parecem ser determinantes de diversos tipos de localização.

“Ainda sobre a alocação socioterritorial dos bolivianos segundo a ocupação principal, podemos observar que, entre os gerentes de empresa e médicos, existe uma maior diversificação espacial, principalmente em direção aos lugares mais abastados da cidade, na zona Oeste e Sul. Entre os que trabalham como ambulantes, como vemos, também existe uma importante concentração central, remetendo a locais que são

referência para revenda de produtos já citados (incluindo roupas), embora seja possível vislumbrar um espalhamento nas direções leste e norte.” (p.134).

“Nos bairros centrais, portanto, é possível encontrar a conjugação de fenômenos articuladores de densidade e variedade de oportunidades. Agregando às considerações em torno de determinantes histórico-culturais descritas que interferem na localização desses migrantes nesses espaços, do ponto de vista dos projetos migratórios, a pesquisa mostrou que essas características fazem com que o espaço funcione para muitos migrantes como um lugar de transição na cidade, principalmente nos momentos mais críticos de suas trajetórias: os momentos de chegada (quando ainda não se conhece pessoas e os próprios espaços, quando predominam o desconhecimento e a falta de referências) que muitas vezes coincidem com o período de maior fragilidade como são aqueles relacionados a etapas da vida como a separação de um cônjuge, a viuvez, quando menos se pode contar com relações de parentesco, amizade e redes sociais em geral.” (p. 136). Nesses espaços também podem ser vivenciados processos de independização.

“Entre os bolivianos, o que se percebe é que em grande parte dos casos, a casa própria tem uma finalidade comercial (montagem da oficina de costura) que só se torna viável pela compra e, ainda, pode guardar mais relação com o sentido de propriedade do que com o de fixação com o lugar em si, preservando a manutenção da flexibilidade e circulação no contexto de seus projetos migratórios.” (p. 140).

“Em muitos casos observados, a permanência de alguns migrantes nesses locais da cidade só é possível pelo fato de poderem trabalhar no mesmo local onde moram e para um ‘parente/contratante’, em geral um ‘tio’ ou ‘padrinho’ que muitas vezes coincide com a mesma pessoa que foi responsável pela vinda deste migrante ao Brasil e a São Paulo e com a qual muitos relatam estabelecer uma relação forte, muitas vezes relatada como dependência (...) o padrinho teria uma função ambígua relacionada, ao mesmo tempo, à inserção dos migrantes na sociedade acolhida e legitimação da exploração de mão de obra de seus afilhados.” (p. 141-142).

Daniel Edgardo

